

COMÉRCIO DE PORTIMÃO

SEMANÁRIO DE DEFESA REGIONAL

Fundador — AUGUSTO M. LEAL

Proprietária — **Elvira da Concelção Leal**

Redacção e Administração:

Rua Machado Santos, N.º 8 - Portimão

Director — **PEDRO OCTÁVIO DA C. LEAL**

Editor — **Alberto da C. Leal**

Chefe da Redacção — **Orlando da C. Leal**

Publica-se ás Quintas-feiras

ANÚNCIOS (Pagamento adiantado)

Comp. e Imp. — TIPOGRAFIA LUMEN - TELEF. 4.º 23 - Portimão

HORA DE REGOZIJO

PARA A CIDADE

Portimão vai ter a honra de receber a visita de Suas Excelências os Ministros do Interior e da Educação Nacional que a convite do Município aqui se dignam deslocar para ouvir de viva voz os agradecimentos do seu povo por alguns melhoramentos recebidos do Governo da Nação, de entre os quais sobressai como realização particularmente grata ao nosso espírito a elevação do Liceu a nacional.

Saber ser grato é uma grande virtude dos homens e os Portimonenses, mais uma vez, vão demonstrar que o sabem ser!

Nesta quadra do ano em que o Algarve se cobre com o seu manto deslumbrante das amendoeiras floridas, juntemos ao festival da Natureza as galas da nossa hospitalidade numa simbiose que permita dar aos nossos ilustres hóspedes toda a gama dos sentimentos afectivos com que os recebemos na nossa casa.

Tenhamos presente que as visitas que vamos receber são dois dos mais ilustres membros do Governo de Salazar.

O Ministro do Interior, Dr. Joaquim Trigo de Negreiros é o espírito iluminado das grandes cruzadas do bem, que tem sabido despertar no povo português os sentimentos da verdadeira caridade cristã, através dessas grandiosas manifestações de



DR. ANTÓNIO DE OLIVEIRA SALAZAR

DE PORTIMÃO

amor pelos que precisam que são os Cortejos de Oferendas e, mais recentemente, foi o apóstolo inspirado dessa campanha de solidariedade humana por ele batizada em hora feliz de "Geira de Deus".

O Ministro da Educação Nacional, Eng.º Francisco de Paula Leite Pinto, é o catedrático de espírito jovem e reformador que trouxe para o seu Ministério uma lufada de ar fresco, já traduzida na reforma de algumas das nossas instituições universitárias e, sobretudo, nunca é de mais salientar, ficará nos anais da nossa cidade como o homem que tornou possível o velho sonho da elevação a Nacional do nosso Liceu.

Ao saudá-los nesta hora de regozijo, não podemos deixar de envolver no mesmo amplexo de gratidão o ilustre Presidente do Conselho, Dr. António de Oliveira Salazar sob cuja sábia égide se tem operado o formidável surto renovador do País e ainda o realizador Ministro das Obras Públicas, Engenheiro Eduardo Arantes e Oliveira, por cujo departamento foram tornadas possíveis as obras que se vão inaugurar.

Daqui respeitosamente os saudamos a todos, dizendo-lhes à boa maneira portuguesa — BEM HAJAM!

R. B.



DR. JOAQUIM TRIGO DE NEGREIROS
Ministro do Interior

Portimão conseguiu a elevação do seu Liceu a Nacional, porque soubemos merecer a atenção dos Poderes Públicos para a justiça da nossa pretensão



ENG.º FRANCISCO DE PAULA LEITE PINTO
Ministro da Educação Nacional

Portimão verá realizadas as suas restantes aspirações, se todos nós continuarmos pugnando pelo bem da nossa Terra



ENG.º EDUARDO ARANTES E OLIVEIRA
Ministro das Obras Públicas

NA INAUGURAÇÃO DA NOVA INSTALAÇÃO DA BIBLIOTECA

Um nome a Recordar:

Manuel Teixeira Gomes

No momento em que vai ser inaugurada a nova instalação da Biblioteca Municipal não podemos deixar em silêncio, o nome do ilustre portimonense que, legando à sua terra natal a valiosa biblioteca que possuía, tornou possível a criação do centro cultural que pode e deve ser uma Biblioteca, Manuel Teixeira Gomes.

Consta o seu legado de 1.194 volumes, não contando com interessantes revistas de literatura e de arte, e neles se encontram obras de muito valor. O recheio da biblioteca foi depois aumentado com outros livros, uns oferecidos, adquiridos por compra a maior parte, perfazendo actualmente um total de mais de 7000 volumes.

Não fosse o legado de Teixeira Gomes, talvez a nossa cidade não tivesse ainda o importante melhoramento que é uma biblioteca. A própria Câmara porque assim o reconheceu, homenageou o oferente dando à Biblioteca o seu nome, e inaugurando nela o seu retrato.

Este portimonense foi Chefe do Estado e assinou o decreto que levou Portimão à categoria de cidade, foi um escritor primoroso, e um artista que soube como nenhum outro, sentir e interpretar a beleza e o encanto da sua província e da sua cidade natal.

Viajante infatigável, durante as suas deambulações pelas principais cidades da Europa e do norte de Africa, de que nos deixou descrições maravilhosas, nunca se afastou da sua lembrança Portimão e o Algarve. N'esses países distantes onde o levou a sua fantasia e o seu temperamento de artista, por vezes — é ele que o a diz — a saudade apertava-o, e na sua imaginação surgia a sua província com todo o seu encanto, vista com pormenores que em geral só são notados quando estamos longe e oprimidos pela nostalgia.

Artista, apaixonado pelas obras d'arte que no mármore e na tela nos transmitam as concepções de beleza e o sentimento dos grandes artistas de todas as épocas, ele ia admirar-las nas cidades estrangeiras.

Flandres de edifícios rendilhados, refletindo-se na água dos seus canais, na Holanda, na Itália, na Grecia, no Egipto, na Argélia, e ali nas ruas das cidades medievais junto às ruínas dos templos da Grécia ou nos museus, deante das obras dos grandes pintores e escultores, que ele sabia compreender e interpretar, o seu pensamento ia para o seu Algarve.

Na Itália, e Florença, cidade que é um esdrúculo de arte, seria a cidade onde ele desejaria viver se alguma coisa não lhe faltasse: Essa coisa que lhe faltava era o mar, a ele que nascera à beira

ramar.

Em Túnis, na cidade árabe, éle lembra-se do Algarve com as suas tradições muçulmanas. Classifica a paisagem algarvia como a mais amorável e suave paisagem e fala-nos da serra, dos campos, do verde das searas, das amendoeiras floridas, do pôr do sol contemplado de cima da ponte, quando tudo se reveste de tons de púrpura e ouro, da paz do rio quando batido pelo luar, das lanchas de velas cheias navegando rio acima, e da beleza da costa entre a ponta do Altar, e a ponta da Piedade, que no sentir realiza a concepção literária e pictórica da paisagem grega.

Nos livros de Teixeira Gomes, aprendemos a melhor ver o que há de beleza n'este seu e nosso Algarve e sentirmos o seu encanto, como éle sentia e como revia na sua imaginação, ampliado pela distancia e pela saudade.

A Câmara Municipal de Portimão da Presidência do Sr. Salvador Gomes Vilarinho ao dotar a Biblioteca com uma instalação que honra a nossa cidade e a edilidade que a mandou executar, enriquecendo-a com a aquisição de novos livros, contribui para o progresso cultural de Portimão, e rende uma homenagem justa à memoria do portimonense que foi o seu iniciador.

S. R.

* Na inauguração da Cantina Escolar, a Fábrica Regina por amável deferência oferecerá os seus produtos às crianças presentes.

Câmara Municipal de Portimão Convocação

Nos termos do § 1.º do art.º 28.º do Código Administrativo, convoco o Conselho Municipal de Portimão para a sessão ordinária que se realizará na Sala das Sessões deste edificio dos Paços do Concelho, no próximo dia 15, pelas 15 horas, para tratar dos seguintes assuntos:

- Discutir e votar o relatório da gerência do ano findo;
- Cedência gratuita de terreno para a construção de um edificio para sede da Secção de Portimão do Sindicato Nacional dos Operários da Indústria de Conservas do Distrito de Faro;
- Cedência gratuita ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos de terreno para construção do Dispensário Anti-Tuberculoso;
- Alteração da alinea d) do art.º 2.º do Regulamento de Abertura e encerramento dos estabelecimentos deste concelho.

Paços do Concelho de Portimão, 7 de Fevereiro de 1957.

O Presidente da Câmara
Salvador Gomes Vilarinho

A Cantina Escolar de Portimão

Portimão, cidade-menina, que à imensidade do Atlântico vai buscar exemplo para a sua sede de progresso e à imponência da Serra de Monchique procura igualar-se, pela força natural das suas belezas incomparáveis, conta presentemente, entre as suas mais vivas realidades, com duas de extraordinário valor:

O Liceu e a Cantina Escolar. A primeira pode situar-se, sem dúvida alguma, no cume das realizações que, desde sempre, os sucessivos governantes do país nos têm oferecido. Desde o problema económico, sempre de ponderar, até à possibilidade de dar à paisagem de maravilha que nos cerca a moldura espiritual condizente, tudo o Liceu pode e deve solucionar, transformando Portimão, de modesto burgo provinciano, em radioso centro cultural.

A segunda, ainda que de menor projecção, tem um valor incalculável na formação das futuras gerações portimonenses.

São as Escolas Primárias de Portimão frequentadas por cerca de um milhar de alunos, vindos na sua quase totalidade, das classes economicamente mais necessitadas. Para cima de três centenas de crianças precisam que se lhes dê a mão e as ajudem a trilhar a árdua e extensa estrada da vida, que para elas, ainda que no começo, já se apresenta duma dificuldade superior às suas débeis forças. O Estado, compreendendo o quanto de moralizador representa a construção duma cantina, ergeu junto das Escolas Primárias um belo e majestoso edificio, que serve cabalmente o fim em vista. A partir de agora, e com a ajuda preciosa e necessária das entidades oficiais, dos industriais de conservas e da massa anónima dos portimonenses, já as nossas crianças sentirão menos árdua a pesada missão a que foram chamadas: viver!

Por isso é de regozijo e alegria o momento que todos vivemos. Por isso, é com incontida satisfação que olhamos o Amanhã, certos de que, para todos nós, será melhor do que o Passado, já a esfumar-se no esquecimento! Por isso Portimão veste os seus trajos mais ricos para receber Suas Excelências o Ministro do Interior e da Educação Nacional, testemunhando-lhes o seu muito obrigado.

Mas, muito embora seja de euforia o momento que atravessamos, não queremos deixar, ao finalizar este breve apontamento, de derramar uma lágrima de sentida saudade sobre a memória sempre querida do homem que, com vontade herculea e entranhado amor pela Escola Primária, mais lutou pela radiosa realidade que ora contemplamos: João da Costa Serrão. Com persistente vontade pugnou sempre para que a Cantina de Portimão fosse uma perene realidade e que tivesse — caso ímpar no País — um primeiro andar com sala para recepções, biblioteca e museu. Conseguiu-o. Mas, «malhas que o

Algumas Notas sobre o Liceu Municipal

Em 18 de Dezembro de 1951 foi publicado o Decreto N.º 20.741 que promulgou a reforma do Ensino Secundário cujo relatório, em determinada altura, assinala: há toda a conveniência em retardar a deslocação das crianças para longe das famílias e os pequenos Liceus disseminados pelas diversas regiões do País, além desta utilidade, teriam a de elevar o nível de cultura geral em terras cuja importância o exige...

Eis a origem dos Liceus Municipais que, pelos decretos publicados em 1952, N.ºs 21.660 e 21.706, respectivamente, de 22 de Setembro e 17 de Outubro, estabeleceram o seu funcionamento.

Várias Câmaras, prevendo a sua utilidade para a população, imediatamente exerceram as suas actividades no sentido da sua criação e sujeitando-se às determinações estabelecidas. A baixa frequência e a impossibilidade da sua manutenção, por parte das Câmaras, seriam motivos para a sua extinção.

De início seis petições foram satisfeitas mantendo-se actualmente apenas três Liceus: Portimão, Covilhã e Figueira da Foz e, em tais condições, que a sua frequência do 1.º ciclo é superior à de alguns Liceus Nacionais.

A área beneficiada pelo Liceu de Portimão tem uma população de 140.000 habitantes, sensivelmente igual à área abrangida pelo Liceu de Faro e, era de prever, que a sua frequência devia manter um valor médio digno de ser notado pelas entidades competentes.

Pelos elementos consultados, verifica-se que o total de frequência de alunos até este ano lectivo, foi de;

3.209 alunos internos; 1.259 externos num total de 4.468.

Notamos que a partir do ano lectivo de 1955-1956 até ao ano lectivo de 1940-1941 aparece uma baixa gradual da frequência cujas causas não foi possível determinar. Segue-se uma recuperação e em 1948-1949 foi repentinamente interrompida devido à publicação do actual Estatuto de Ensino Lical que

— Nunca estudaste nem leste?
Ganha agora o que perdeste.

Destino tece», já não poderá viver connosco o momento solene e maravilhoso da sua inauguração.

No entanto, todos nós — alunos, professores e portimonenses — saberemos manifestar exuberantemente a nossa satisfação quando, no próximo dia 10, S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional inaugurar a Cantina Escolar de Portimão.

estabeleceu o 1.º ciclo até ao 2.º ano; nos anos seguintes, até 1952-1953, aparece uma ligeira subida e, finalmente, nos últimos tres atinge os seus valores máximos.

No presente ano lectivo a frequência do Liceu comporta 7 turmas distribuídas como se segue: 1.º ano...3; 2.º ano...2 e 3.º ano...2.

Prestam serviço 12 professores e o Liceu está dotado dum número de salas para comportar, no próximo ano lectivo, um aumento de 3 turmas.

Completa este conjunto uma ampla Sala de Desenho e Trabalhos Manuais com mobiliário apropriado, Ginásio, balneários e vestuário, máquina sonora de cinema de 16^{mm}, laboratório de Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas, vestuário para as alunas, Biblioteca, Secretaria, Sala dos professores, Gabinete do Reitor e recreios razoáveis.

A vida do Liceu passou portanto por várias fases que podemos indicar da seguinte maneira:

- 1.ª) — Fase inicial, de grande entusiasmo;
- 2.ª) — Fase crítica, de baixa frequência, aparecendo a ideia da sua extinção, tentada mas não conseguida, visto que os argumentos não se ajustaram as realidades;
- 3.ª) — Fase de recuperação;
- 4.ª) — Fase de ampliação defendida pelos benefícios do decreto-lei n.º 40.827, de 25 de Outubro de 1956.

Nesta última fase houve necessidade de incluir um edificio anexo ao existente e o problema foi plenamente facilitado pelo Ex.º Presidente da Câmara, Sr. Salvador Gomes Vilarinho, cujo interesse pelo ensino, «prestígio do Liceu e a sua elevação a Nacional, ficam patentes para a população desta progressiva cidade de Portimão.

Nunca encontrou esta Reitoria obstáculos na resolução de problemas desta ordem e, por esse facto, Portimão tem na sua prestigiada pessoa o elemento capaz de completar a obra educativa agora ampliada.

As minhas sinceras homenagens.

F. A. da Silva Metelo

Alteração no horário da visita Ministerial

Da Camara Municipal informam-nos que S.ª Ex.ª os Ministros do Interior e da Educação Nacional chegam ao limite deste concelho — ponte sôbre a Ribeira de Odelouca — às 15 horas e 50 minutos e que a chegada ao Largo do Municipio será às 16 horas e 15 minutos.

F.

PORTIMÃO A Accção desenvolvida pela Casa dos Pescadores de Portimão

Breve noticia histórica

Como quasi todas as cidades e vilas do litoral do Algarve, povoado desde as épocas mais remotas, podemos admitir que Portimão tivesse a sua origem nalguma feitoria que os navegadores de Tiro tivessem fundado quando depois de passarem as colunas de Hercules, singraram pela primeira vez no Atlantico, e vieram aportar aos estuários e enseadas da costa turdetana. Este extremo do ocidente já também era conhecido dos navegadores gregos, e modernos comentadores da Odisseia, dizem ser esta a região nebulosa do Tartaro, citada no poema homérico. Anteriormente, é o denso nevoeiro da prehistória, através do qual o arqueólogo pode a custo distinguir, como sombras esbatidas, monumentos dolmênicos, e restos de povoados, onde tribos dos primitivos habitantes, tentam numa luta incessante contra elementos por vezes hostis, e numa natureza ainda selvagem, adaptarem-se ao meio para nêle se fixarem.

Aos Fenícios sucedem os cartagineses no domínio desta região, e seguidamente os romanos. A historia começa a revelar factos e a mencionar os povoados mais importantes, Geógrafos da antiguidade, Ptolomeu, Pomponio Mella, Estrabão, ao citarem as principais cidades do actual Algarve, fazem menção, de Portus Annibalis, que localizam em seguida a Lacobriga, vindo do Promontorio Sacro. Divergem as opiniões sobre se seria em Alvor ou se em Portimão o local da cidade de Anibal.

Em Portimão, proximo á barra do rio, entre o arruinado convento de S. Francisco e a fortaleza de Santa Catarina e em elevações adjacentes, encontram-se vestígios de antiquissimas construções: restos de velhos muros, fragmentos de cerâmica romana, tanques para salga de peixe, e os restos de um balneário posto a descoberto pelo sábio arqueólogo algarvio Estácio da Veiga, a indicar o local da primitiva povoação. A accção erosiva do mar e talvez os violentos sismos que desde tempos recuados e por várias vezes, trouxeram a desolação e a ruína a estas paragens, teriam sido a causa da ruína da cidade cartaginesa e romana, de que haverão restos no leito do rio e por debaixo das areias que o mar ali tem acumulado.

Outros povos vieram ao Algarve; depois dos romanos os visigodos, os bizantinos e mais tarde os árabes. De Portimão a história nada diz.

Destruída a cidade primitiva, era natural que os seus habitantes fossem edificar as suas moradias em local menos sujeito á accção destruidora do mar, e escolhessem o lugar onde assenta a cidade actual, que, durante o domínio árabe seria apenas uma pequena povoação de pescadores, porto da opulenta Shilb, então centro da cultura árabe, cidade de luxo e prazer, e a mais preciosa joia do Algarve muçulmano.

A única referência á nossa cidade é feita pelo cruzado anónimo que veio á tomada de Silves, na sua obra traduzida e comentada por Silva Lopes. Diz-nos

êle que á entrada do porto de Silves tomaram o castelo de Porcimunt.

Apesar de nada mais sabermos, podemos no entanto supor que Portimão fosse povoação de certa importância, pois que logo após a conquista do Algarve, D. Afonso III deu-lhe foral.

D. Afonso V, dá o senhorio de Portimão, deixado vago pela morte do seu primeiro donatário Rui Afonso de Mello, a Gonçalo Vaz de Castelo Branco e, manda cercar a povoação de muralha, deixando quatro portas e três postigos, por cima dos quais estava o brazão de armas do donatário.

Em 1475 a Portimão é mencionado como vila. O seu desenvolvimento faz com que a vila não cabendo dentro do recinto amuralhado, irradié para os arrabaldes. A paróquia que se supôs instituída logo depois da reconquista, tinha já colegiada em 1575. O comércio aumenta, e ao porto chegam a concorrer 400 embarcações estrangeiras.

D. Manuel I, confere o titulo de conde de Vila Nova de Portimão a D. Martinho de Castello Branco e reforma o foral dado por D. Afonso III.

Para defender o porto ameaçado pelos piratas Berberescos manda D. João III edificar a fortaleza de Santa Catarina á entrada da barra, e o Bispo de Silves D. Fernando Coutinho manda edificar a fortaleza de S. João.

Em 1660 o portimonense Diogo Gonçalves fez edificar o Colégio que entregou aos religiosos da Companhia de Jesus, dando assim a vila com uma importante casa de ensino. Anteriormente tinha havido aula de latim creada e mantida pelo bispo D. Jerónimo Osório.

Por alvará de 30 de Outubro de 1662, foi autorizada a feira de 11 de Novembro.

N'essa época já Portimão contava 216 mareantes fora calafates, pescadores, mestres e pilotos (Oliv. Martins, Portugal nos mares).

Em 1773, quando o Marquês de Pombal quiz dividir a diocese do Algarve, instituindo a séde de um bispado em Portimão, elevou a vila á categoria de cidade e instituiu a comarca com Juiz de Fora. Com a subida ao trono de D. Maria I, Portimão voltou á categoria de vila e a comarca foi extinta sendo depois restaurada em 1875. Pela extinção do concelho de Alvor em 1773, foi este encorpado no de Portimão.

O terramoto de 1755 arruinou grande parte dos edificios e entre eles a Igreja paroquial. Pelo que o serviço religioso passou para a Igreja do Corpo Santo dos mareantes e depois para o Colégio, até que foi restituída ao culto em 1784.

Em 1924 sendo chefe do Estado o portimonense Manoel Teixeira Gomes, Portimão foi novamente elevada á categoria de cidade.

No decorrer da nossa história sempre os portimonenses deram mostras do seu patriotismo prontos a prestar a sua valiosa colaboração sempre que era necessária.

Quando se iniciaram os des-

Não constitui novidade o afirmar-se que Portimão é um dos mais importantes portos de pesca do País dispondo de uma frota de 37 traineiras e 5 cercos da pesca da sardinha.

O movimento da lota da sardinha, a única que pelo seu valor interessa considerar, teve no último triénio o seguinte rendimento.

1954	41.865.971\$00
1955	42.206.508\$00
1956	34.278.931\$00

Como se verifica este valor baixou consideravelmente em 1956 devido á escassez da pesca nesta costa.

Para prestar assistência ao elevado número de indivíduos que se empregam na pesca existe a Casa dos Pescadores de Portimão instituição modernamente instalada num amplo e moderno edificio especialmente construído para o efeito.

A Casa dos Pescadores de Portimão, ao invés do que a sua denominação indica, não entende a sua esfera de accção apenas aos pescadores do concelho. A sua jurisdição prolonga-se por uma vasta área da orla marítima que vai desde Alvor até Albufeira, onde existe uma Delegação, possuindo Postos nos centros piscatórios de Alvor, Ferragudo, Carvoeiro e Armação de Pera.

cobrimentos logo os nossos humildes pescadores e mareantes acorreram a tripular as naus.

Quando foi necessario defender as praias do Algarve de Alem mar, são eles que vão prestar um concurso, tão valioso, que os nossos reis lhes concedem privilegios especiais que constituem autenticos títulos de nobreza dados a toda uma classe.

Quando das guerras da Restauração distinguem-se entre outros, Alvaro Gomes de Gouveia e Luiz Simões de Sárra, o primeiro entrando em várias campanhas, pelo que recebeu mercê de fidalgo cavaleiro.

Quando da expulsão dos franceses de que o Algarve tomou a iniciativa, foi o portimonense Modesto Bustorff de Moura, governador da fortaleza de S. João que logo mandou bastear o pavilhão nacional com as aclamações e as salvas do estilo enquanto um outro portimonense o major Antonio Estilista Castão Farto, oficial instrutor das milicias é o chefe militar dos restauradores de Portimão. O Juiz de Fora, Jerónimo José Carneiro organisa o Corpo de voluntarios, constituído com os mareantes do Compromisso Marítimo, e marcou pela prontidão com que se soube apresentar as tropas voluntarias regulares, sendo as primeiras a serem utilizadas pela Regencia.

Não tem Portimão monumentos notaveis pelo seu valor histórico ou artistico, no que lhe são superiores outras cidades de menor categoria, mas pode orgulhar-se do valor de seus filhos que pelas suas faculdades de trabalho, de iniciativa, foram e são ainda na actualidade os principais factores do seu desenvolvimento e progresso.

S. R.

Cumprir-lhe, além de outras atribuições estabelecidas na lei, prestar assistência a cerca de 3.500 pescadores e respectivas familias, dispondo para o efeito de uma rede de Postos Médicos instalados nos centros piscatórios atrás referidos.

No magnífico edificio da sua sede além dos Serviços Médicos, de Radiologia e Farmacêutico, existe uma Escola de Pesca para rapazes e uma Casa de Trabalho para raparigas.

Ali recebem instrução profissional 24 rapazes os quais findo o curso de moço-pescador, cuja duração é de dois anos vão renovar os quadros da frota pesqueira. Além da instrução teórica, o curso compreende também instrução prática no mar, para o que a Escola dispõe de uma embarcação motorizada devidamente apetrechada para todos os sistemas de pesca usados na região.

A's raparigas é ministrado o curso de costura e trabalhos domésticos, recebendo ainda uma pequena gratificação atribuída como estímulo. Em Armação de Pera funciona igualmente uma Casa de Trabalho.

Ambos estes cursos funcionam em regime de semi-internato para o que existe um amplo e atraente refeitório.

Voltando ao capítulo assistencial, diremos que aos pescadores e seus familiares é concedida completa assistência médica, compreendendo hospitalizações (nos hospitais da área da Casa dos Pescadores) e sanatorizações. Esta assistência inclui a concessão de medicamentos, contribuindo o interessado com 50% do seu custo, comparticipação essa que é facilitada ou até mesmo dispensada quando os recursos do pescador tal não lhe permite.

Neste breve enunciado da obra da Casa dos Pescadores de Portimão temos procurado fugir,

Do Passado ao Presente

(Continuação da 4.ª página)

passado que Portimão toma acentuada feição de terra progressiva, graças ás numerosas obras públicas que então foram efectuadas, pois além da ponte foram construídas as estradas de Alvor, de Alvor aos Montes e dos Montes á Penina e também a ponte do Vau sobre a ribeira de Boina e a estrada de Monchique.

Estabelecidos os meios de comunicação, os melhoramentos em Portimão não cessam mais. A indústria local que surge nos últimos anos do século passado e se desenvolve nos primeiros do presente, absorvia, por assim dizer, todas as actividades. Todavia os melhoramentos públicos vão surgindo a pouco e pouco: o mercado do peixe, o mata-douro municipal, a praça da verdura, instalação eléctrica, esgotos, instalação de água, saneamentos, etc. Pouco depois da elevação de Portimão a cidade inicia-se a construção de bairros económicos e de casas para pobres, ajardinamentos, construção dos edificios dos correios, capitania, cadeia, escolas de instrução primária e anexa uma das melhores cantinas do País; foi criado

para amenizar a leitura, á rigidez dos números. No entanto, não resistimos á tentação de salientar que nos últimos tres anos, aliás a média mantem-se em anos transactos, foram despendidos pelo Fundo de Assistência as seguintes importâncias:

1954	642.030\$55
1955	673.863\$50
1956	605.660\$45

Para a usufruição destas regalias contribuem os pescadores com uma quota mensal de 4\$00 e uma pequena percentagem sobre os seus proventos quando trabalham em traineiras, ou sobre a pesca quando se empregam em lanchas. A receita da Casa dos Pescadores é principalmente constituída pelas contribuições dos armadores, na sua qualidade de sócios contribuintes, com uma taxa de 1% sobre o valor do pescado vendido na lota.

Mas além da assistência e da instrução profissional, funcionam na Casa dos Pescadores outros serviços de não menos interesse para os pescadores tais como: a Mútua dos Pescadores, que cobre o seguro dos pescadores sem patrão, a Cooperativa dos Pescadores que fornece artigos de vestuário e a Secção de Venda, com Postos nas várias lotas, que lhes vende o pescado e o liquida acto contínuo.

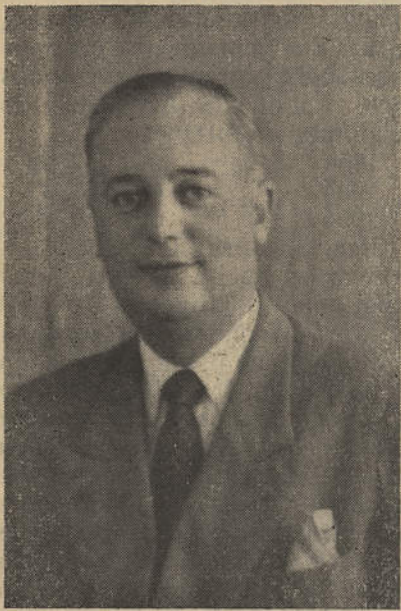
Dentro da política de habitação para os trabalhadores, já a ár.a da Casa dos Pescadores de Portimão foi beneficiada com a construção, por intermédio da Junta Central das Casas dos Pescadores, de Bairros em Portimão, Ferragudo e Albufeira.

Eis a traços largos exposta a missão da Casa dos Pescadores de Portimão, recomendando-se a todos quantos se interessam pelos problemas de assistência social aos trabalhadores, uma visita ás suas modelares instalações.

J. A. N.

SALVADOR GOMES VILARINHO Paisagem Algarvia

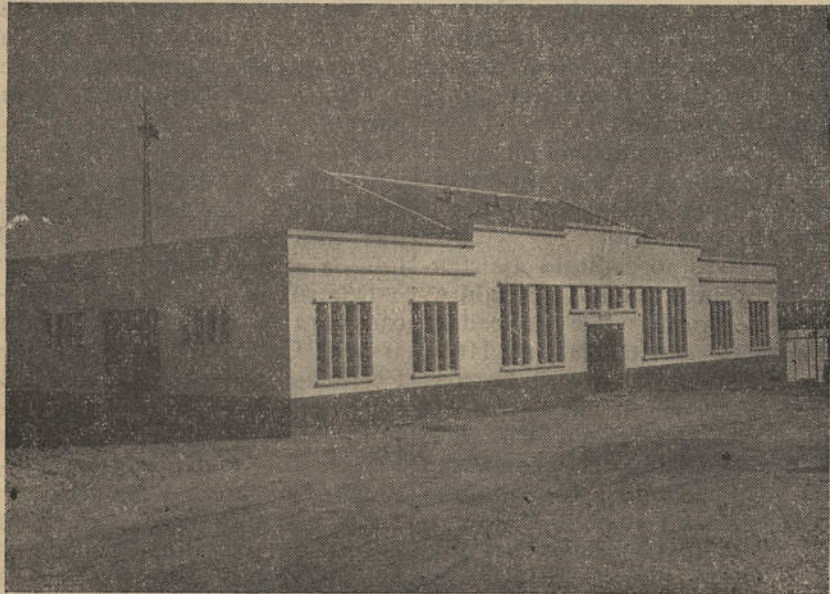
Presidente da Câmara Municipal de Portimão



Há 7 anos que preside aos destinos do concelho com grande competência e muita dedicação.

Sob a sua gerência tem o concelho beneficiado de muitas obras e várias realizações de vulto, de entre as quais se destacam as novas instalações dos Paços do Concelho, a nova Central Eléctrica, obras agora inauguradas, e a municipalização dos Serviços de Eléctricidade, necessidade que há muito se impunha e que só

há pouco, com a sua decidida acção se tornou possível.



Edifício da nova Central Eléctrica

GRATIDÃO!

Gratidão! A mais nobre manifestação do carácter dos homens, por tal forma abandonou o terreno da politica contemporânea, que já só nos é possível afirmá-la hoje, quando na verdade um beneficio transcende tudo aquilo a que por direito é possível aspirar.

Este alto sentimento, é nesta hora mais do que nunca o traço de união, entre o Governo e todos os Portimonenses de recta consciencia sejam quais forem as suas convicções doutrinárias.

Encontra-se Portimão numa fase que não receamos em classificar de o despertar de uma grande cidade de futuro, não só pelo dinamismo traduzido em iniciativas de desenvolvimento economico, como pelo ambiente construtivo, característico da sua população, em que todo o empreendimento, se vê rodeado de compreenção e até carinho.

Esse futuro imenso que principia a concretizar-se têm o Governo da Nação sabido compreender e consolidar, através de obras entre as quais, duas têm para todos nós particular significado, uma a obra portuária para a qual por forma rasgada, só comparavel ás novas possibilidades que vem abrir, são cana-

lisadas dezena após dezena de milhares de contos de toda a Nação. A outra menos grandiosa é certo, mas não menos digna do nosso reconhecimento, pelo que representa de preocupação por parte do Governo em dotar a Cidade de um Liceu Nacional, com todas as suas vastas possibilidades de uma maior socialização do ensino, da qual vão particularmente beneficiar tanto a classe média como o comércio.

E' por tudo isto, que nós, os comerciantes, classe sobre a qual por natureza do officio, se reflectem todas as oscilações da vida social, sabemos como poucos compreender a verdadeira Política, a que se traduz em melhoria de nível de vida no presente e de possibilidades sérias para um Portugal maior.

E' por tudo isto, que em nome de todos os comerciantes desta Cidade, deseja o Gremio do Comercio de Portimão, afirmar a Suas Excelencias, os Senhores Ministros da Educação e Interior, mais do que a sua gratidão, a sua confiança absoluta na Política de Salazar.

a) José Rodrigues Sanches
Presidente do

Gremio do Comercio de Portimão

Para quem vem de Lisboa ou do Norte, pelo comboio, em demanda das paragens do Garb, impressiona-se extranhamente com a vasta planura Transtagã, que no inverno regela pelos agrestes ventos da Meseta Ibérica e no verão calcina e recose sob a tampa de aço dos ceus.

A serpente de ferro ondúla e desliza, ao longo das campinas, onde bálem rebanhos de mil cabeças, grunhem varas de cêrdos, ou, de longe em longe, mugem os bois nostálgicos da lavoura. Quadrilongos enormes de seáras a perder de vista, leguas e leguas até Espanha adentro, entremeiam-se de montados onde os troncos do "cuercus ilex" e do "cuercus súber" se reforcem penetrando as entranhas do arvoredo. Exércitos apumados da "oliva mediterranea" enfileiram-se ladeando a via e a paisagem recorda quadros do "Gil Blás e da «Ilustre Fregona», da vernácula literatura Castelhana.

Mas a extensa campina, no extremo sul, alteia-se em cêrros cada vez maiores, até aos ondulantes cimos da Mú, que a máquina resfolgante grimpou a custo. Transpôa a Portela dos Têrmos.

Lança-se rugindo nas rampas de S. Marcos em aladas vertiginosas sobre as margens da Odelouca, galga a curva da Ermida e vem estacar, com os freios metidos a fundo, em S. Bartolomeu de Messines, em pleno Algarve.

A mudança é fantasmagórica — É a Terra—Odalisca, hárem —idilica do Chenichir ubérrimo, ofertando os lábios carnudos, abrindo os seios ao beijo e ao amplexo do príncipe nórdico que chega!

E eu recordo, quando moço e forte aqul cheguei — Nêlé mio primo torno — e recebi esse beijo e esse amplexo, que me enamorou, deste doce e cálido clima, desse encanto de paisagem maravilhosa, para todo o sempre.

Foi neste despertar de primavera dos fins de Fevereiro.

"Paisagem Algarvia"

Meio dia! O Sol flomeja
A prumo sobre a campina!
Uma aldeia branca alveja
Na encosta duma colina!...
Passam no ar esvoaçando,
Pombas brancas dum pombal
Que vão esconder-se, beijando,
Nas sombras dum pinheiral.
Imponente, magestosa,
Ar altivo, altivo porte,
Uma serra penhascosa
Corta o horizonte norte.
Alongo a vista... Distante
O mar azul e brilhante
Tem a côr entremeada
Da safira e da esmeralda...
Mas do fundo dos valados
Entre sarças de verdura
Ouve-se a voz cristalina
Da agua pura argentina
Entre os tufos de relvedo
Como voz de namorados
Que docemente murmura
A siciar em segredo...
Todas de branco ou rosadas
As amendoeltras em flor
Parecem mantos de fadas
E lembram ninhos de amor...
Uma a uma desprendidas
As pétalas vão, caídas,
Matisar a terra toda:
Neve caída no prado!
Parece um dia de bôda!
—A bôda do teu noivado!...

Mal ainda se diluira no ar o perfume das pétalas róseas do arvoredo.

Ao olhar em torno, meus olhos se encantaram. Sobre as ravinas dos talúdes da via, aqui, além e longe, a terra era dum vermelho de lacre escuro. Nas ribas, nas encostas, manchas do verde escuro das alfarrobeiras, mas, avassalando os campos a tonalidade verde-esmeralda dos amendoeirais eivados de viço, ia perder-se longinquamente nas abas dos cêrros em cambiantes cinzento-leitosas. Para sul, onde as campinas descem em anfiteatro sobre o oceano, o verde esbate-se na fimbrea dourada

das praias, indo perder-se no azul de Jarreteira do mar. Nem sequer lhe vale o auxílio poderoso de seu irmão gémeo o verde-torro que dos figueirais irrompe, ante essa faixa de imenso quadro com que a natureza envolve este alfofre de beleza edénica:

Entre Loulé e Quarteira, quando os campos se aplanam, essa terra vermelha, recenlavrada, ladeia-se por vezes de searas novas, lembrando no seu conjunto as cores do Pendão Nacional, a que por vezes não falta sequer a esfera armilar, em tufos de giestais, inflorados a oiro vivo.

Rutíla o Sol, topázio gigante, engastado na safira do Ceu. Zumbem abelhas em torno dos colmeais.

Esquadrihas de azas brancas álam-se dos angares pombalinos em volteios amorosos de primavera.

Erquem-se das azoteias mouriscas airoas chaminés multiformes. Em torno das casas vicejam, garridos, os malvaíscos, que em breve irão florescer, de branco nevoso, de roseo carminado, ou da púrpura realenga dos mantos imperiais.

A' berma dos caminhos, na talagarça campestre, tribus de chupa-méis, malmequeres e maíos, desenham, a cores ashishianicas, vastos tapetes orientais.

A norte a Picóta, a Fóia, e as ondulações da Mú córam-se em azul ferrête, como pano de fundo do enorme anfiteatro. Da Cabana Queimada, ou de Monte-Figo não pode, jamais, esquecer-se a vista panorâmica de conjunto deste mimoso Chenichir.

— A' direita e à esquerda, de leste oeste, o incomparavel tapete pólicromico, magico e sedutor. Ao sul a imponencia das falésias recortadas, na eminencia das quais se erguem as sentinelas brancas vigiando o Oceano, donde partem as pontas dos Cabos, como adáguas de oiro fendendo o azul marinho! —

Dr. Roma da Fonseca

DO PASSADO AO PRESENTE

Melhoramentos

As primeiras obras públicas que se realizaram em Portimão foram iniciadas há quase um século, quando a modesta Vila tinha apenas cinco mil habitantes. Foi o lançamento da primeira pedra para a construção do actual Cais, o primeiro que se construiu no Algarve. Porém, os estudos para melhorar as condições de entrada e saída de navios no porto datam de muito antes, de 1789. Foram feitos pelo engenheiro Baltazar de Azevedo Coutinho por ordem de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Secretário do Estado de Marinha, do Governo de D. Maria I.

Este primeiro melhoramento foi marcado por uma luzida festa no dia 18 de Março de 1864. Era então capitão do porto Domingos Leonardo Vieira e presidente da Câmara e Administrador do Concelho José Libânio Gomes, pai do portimonense que havia de

vir a ser primeiro magistrado da Nação, insigne escritor e habil diplomata — Manuel Teixeira Gomes.

Francisco de Almeida Coelho de Bivar, deputado por Portimão e mais tarde visconde de Bivar e par do reino, tinha conseguido dar início aos trabalhos dos primeiros melhoramentos públicos de Portimão, e como regozijo por este acontecimento mandou a família Bivar servir um almoço a 275 pobres, defronte do seu palácio onde hoje são os Paços do Concelho da cidade. Neste banquete tomaram parte os representantes das localidades vizinhas e assistiram os irmãos do Visconde: Manuel de Almeida Coelho de Bivar e Jerónimo de Almeida Coelho de Bivar, com as autoridades e as figuras mais representativas da terra. Enquanto a refeição foi servida, à sombra de grandes toldos, pelas se-

nhoras mais distintas da Vila, duas bandas de música: a Eutéria de Portimão e a do Sr. António Joaquim Júdice, da Mexilhoeira da Carregação, executavam peças do seu reportório. A noite continuou a festa com música e foguetes no Cais. Assim receberam os portimonenses os primeiros favores do Estado cedidos a pedido do seu representante junto dos poderes superiores.

Da construção da muralha que levou mais de uma dúzia de anos a concluir até ao dique regulador, fazia parte a construção da ponte, os aterros e a Rua Infante D. Henrique, trabalhos estes que só puderam ser executados quando a Lei de 14 de Julho de 1871 tornou a construção da ponte encargo do Governo.

Pode-se dizer que é a partir do terceiro quartel do século

(Continúa na 3.ª página)